

Avaliação dos mitos e tabus sexuais entre jovens de 18 a 29 anos no estado do Rio Grande do Norte

Evaluation of myths and sex taboos among young persons from 18 to 29 years in the state of Rio Grande do Norte

Zuliete Aliona Araújo de Souza Fonseca¹, Francisca Jucilene Dias²; Gleidson Benevides de Oliveira³,
Josué Oliveira Moreira⁴

¹Médica Veterinária, Especialista em Saúde Coletiva e Mestranda em Ciências Animais pela Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA); ²Especialista em Saúde Coletiva pela FIP (Faculdades Integradas de Patos); ³Médico Veterinário, Especialista em Saúde Coletiva e Mestrando em Ciências Animais pela Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), ⁴Docente Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IFRN e Faculdades Integradas de Patos - FIP.

Resumo

Há muito tempo a sociedade vem impondo e elegendo ações sobre a sexualidade humana através dos mitos e tabus sexuais, ainda defendidos com muito êxito na sociedade atual. A partir de depoimentos entre jovens de 18 a 29 anos, pode-se avaliar os mitos e tabus sexuais inseridos na vida destes jovens. Dentre tantas questões que foram observadas, é fundamental esclarecer que estes mitos continuam até os dias atuais, onde 67% não mantêm relações sexuais durante o período menstrual, 42% afirmam que o tamanho do pênis interfere no prazer, 50% dizem que a masturbação é uma prática masculina e que após os 40 anos o sexo vai se tornando sem importância. Apenas 8% dizem que o sexo anal e o oral deixaram de ser um exercício praticado, somente, por prostitutas, porém a maioria alega não praticá-los.

Palavras-chave: Sexualidade. Tabu. Sexo.

Abstract

Since a long time the society has been imposing and choosing actions on human sexuality through myths and sexual taboos, still defend very successfully in today's society. From the testimonies between young people of 18 and 29 years, we could assess the myths and sexual taboos. Among the many questions that were observed, it is essential to clarify that these myths continue until today, where 67% did not have intercourse during menstruation, 42% said that penis size interferes with pleasure, 50% said masturbation is a practice alone for man, and after 40 years the sex will become unimportant, and only 8% said oral and anal sex are no longer an exercise practiced only by prostitutes, but the most people reported not to perform them.

Key Words: Sexuality. Taboos. Sex.

INTRODUÇÃO

A história dos mitos e tabus sexuais está enraizada na cultura e na vida dos jovens, fazendo com que se torne um fator de estigma na vida sexual, predominando até hoje. Segundo Navarro (1999), a repressão sexual é um conjunto de interdições, valores e regras estabelecidos pelo social para controlar a sexualidade das pessoas, porém cada vez mais homens e mulheres buscam o prazer através de relações sexuais mais livres, respeitando os próprios desejos. Entretanto, uma grande parcela da população ainda se submete aos valores morais aprendidos na infância, tais como proibições e interdições externas que são interiorizadas e vividas sob a forma de vergonha e culpa (LEMOS, 2005).

O trabalho em descrição faz refletir os estereótipos tradicionais abarcados em uma sociedade que, apesar de contemporânea, é afetada por uma

sociedade patriarcal e machista. Os mitos e tabus sexuais estão estabilizados dentro da sexualidade, sendo um aspecto importante e indispensável para se fazer uma reflexão sobre até que ponto são fatos verídicos ou não, ou se afetam a vivência da sexualidade, para que se possa contribuir para a melhoria de uma vivência sexual sem medos e preconceitos. Nesse estudo, ainda se faz uma alusão a alguns mitos e tabus que até hoje são considerados por muitos jovens que não conseguiram se desprender da sua cultura sexual reprimida e distorcida. Embora se esteja vivendo em uma cultura em que se perpetua a sexualidade como predominante, torna-se necessário aperfeiçoar essas discussões as quais não são advindas dentro da base da educação familiar.

METODOLOGIA

O presente artigo visa demonstrar por meio de uma pesquisa quantitativa, o conhecimento e a abordagem dos mitos e tabus sexuais das jovens entre 18 e 29 anos do município de Mossoró - RN, e analisar

Recebido em 12 de maio de 2011; revisado em 03 de agosto de 2011.
Correspondência / Correspondence: Zuliete Aliona Araújo de Souza Fonseca. Rua João Soares, 56, Conj. Vingt Rosado, Mossoró-RN, CEP: 59626-520. E-mail: alionahta@hotmail.com

como esses padrões afetam a vivência da sexualidade dos mesmos. Esse trabalho teve como base a pesquisa de dados, através de questionários descritivos, abordando mitos e tabus sobre a sexualidade, mantendo a descrição das pessoas objeto do estudo. Foram entrevistados 18 jovens que residem em regiões periféricas do Município de Mossoró-RN e usuárias da rede pública de saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Menstruação e alimentação

Algumas mulheres levam a vida inteira pensando que não podem comer uma série de alimentos durante a menstruação. Além de não se permitirem fazê-lo, reproduzem este entendimento para seus filhos e amigos. Porém, são valores que foram considerados há muito tempo atrás, onde tudo na sexualidade era proibido ou pecaminoso. Basta conversar com determinadas pessoas mais idosas que estas, certamente, afirmarão que em tempos idos não se lavava os cabelos durante a menstruação, nem certos tipos de alimentos eram ingeridos como, por exemplo: limão, laranja, manga, ovos ou camarão. Dentro desse contexto observou-se que 58% das entrevistadas se enquadram nesse perfil. Observe-se como se expressa uma das jovens participantes da pesquisa:

“Acredito que alguns alimentos fazem mal, por já ter sido comprovado. Minha menstruação é muito forte, tenho muitas cólicas, dores nas pernas e fraqueza que pioram quando como carne de porco e ovo. As frutas que mais me prejudicam são: manga, limão, abacaxi, pois quando como faz com que meu ciclo menstrual se prolongue, causando aumento no fluxo sanguíneo e fortes dores abdominais” (T.G., 23 anos).

Embora a literatura não relate a possibilidade da alimentação vir a comprometer a saúde da mulher com a ingestão de certos alimentos durante o ciclo menstrual, Sampaio (2002) registra que determinados pacientes podem exibir modificações ponderais e bioquímicas em mudanças do comportamento alimentar habitual, incluindo um excesso de consumo de alimentos salgados, doces e chocolates. Por convicção, não se pode fazer uma alusão de que tudo isso seja uma mera idealidade, pelo contrário, a aceitação da cultura e dos costumes em que se vive, deve ser pelo menos abarcada como algo que se possa melhorar ou, até mesmo, ser compreendido (LEMOS, 2005).

Menstruação e relação sexual

Um dos mitos que acometem muitas mulheres é acreditar que a relação sexual não é permitida durante a menstruação. Esse mito vem de há muitos anos atrás, assim como as leis e o regimento judaico referentes à mulher menstruada, que são extremamente restritivos.

O velho testamento considera que qualquer mulher menstruada é impura e suja, "Quando uma mulher tiver fluxo de sangue que sai do corpo, a impureza da sua menstruação durará sete dias, e quem nela tocar ficará impuro até à tarde" (Levítico 15:19). Isso são resquícios de uma cultura que vem permeando de medos, preconceitos e proibições.

A fase da menstruação, de certo, deixa a mulher mais predisposta a transmitir ou adquirir uma DST (Doença Sexualmente Transmissível). É importante se destacar que esse período é bastante importante para a saúde da mulher, uma vez que a menstruação é, simplesmente, um processo fisiológico que consiste na desintegração da camada superficial do endométrio (COUTINHO, 1996; JUNQUEIRA, 1985). Ao contrário do que se pensa, o sangue eliminado é limpo e o sangramento é normal para todas as mulheres que ovulam e não estão grávidas. O depoimento de uma das jovens é representativo de 67% das opiniões:

“Não tenho relações sexuais no período menstrual, acho uma falta de higiene. E posso até ter relação sexual se minha menstruação acabar, uso camisinha até o dia de tomar meu anticoncepcional. Não sou de acordo com as mulheres que têm relações sexuais menstruadas, talvez aumente o fluxo sanguíneo, acho isso uma falta de higiene” (J.K., 23 anos).

Os desafios impostos através da cultura, onde algo pode se tornar aceito, pecado ou até mesmo ser proibido, vem sendo transmitidas as jovens (LEMOS, 2005). Percebe-se que o mais difícil é desconstruir esses preconceitos que foram impostos e por tanto tempo protegidos por uma sociedade delineada com tantos mitos e tabus sexuais.

Sexualidade e cultura

A sexualidade, afirma Foucault (1988), é um "dispositivo histórico". Em outras palavras, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, normatizam, instauram saberes, e produzem "verdades". É uma das maiores dimensões da humanidade que se configura com maior ênfase cultural, pois a tudo atinge.

A masturbação por muito tempo foi classificada como um ato repugnante e envergonhador, sobretudo para as mulheres; era uma ação extremamente proibida e isso aconteceu desde os primórdios. Segundo Reich (1999), nos anos 60, o beijo era o limite da decência e o máximo permitido. Contudo, mesmo sendo virgem e não sabendo bem como é uma relação sexual, a mulher imagina fantasias e se masturba. Estimulando, continuamente, a área externa da vagina, principalmente o clitóris, ela busca sentir prazer. A culpa que acompanha a masturbação leva muitas mulheres, mesmo na vida adulta, a sentirem vergonha de efetivar o ato (NAVARRO, 1999).

A quem devemos culpar por nos fazermos pensar em tal delito? Na narrativa bíblica, o personagem Onã é fulminado por Deus como castigo pelo delito de "derramar a semente no chão". O texto não diz se Onã realizava o ato ou não (seu pecado mais provável foi o coito interrompido), mas a parábola é clara: sexo deve servir só para procriação. Por isso, a masturbação por muito tempo foi reprovada e até hoje se perpetua. As mulheres no geral, não conseguem assumir que se masturbam por vergonha e medo de serem discriminadas. Em pleno século XXI, muito embora a maioria dos mitos e tabus estejam sendo enfraquecidos, as pessoas ainda guardam consigo esse tabu.

Para Nogueira (2011), em Roma a questão era vista mais ou menos da mesma maneira - a masturbação seria a última forma de sexo a que se deveria recorrer. Pelo menos até a ascensão do catolicismo. A Igreja, cujos valores nortearam a sociedade ocidental por toda a Idade Média, classificou a masturbação como pecado mortal. Mas era, apenas, um pecado a mais em um universo em que qualquer tipo de prazer era proibido e repreendido.

O maior perigo da repressão sexual é quando, de tão bem-sucedida, não se percebe e sua existência. Através da educação, os valores e as proibições sociais são assimilados de tal maneira, que depois de internalizados se expressam sob a forma de culpa e vergonha. Esse mito só veio a ser discutido e visto como um ato comum no início dos anos 50, através da psicanálise e das teorias freudianas que abriram o caminho para as chamadas políticas do sexo (NAVARRO, 1999).

As mulheres que se dizem contemporâneas continuam a afirmar que a masturbação faz calos e criam pêlos nas mãos, que causam espinhas, anemia, entre outras sequelas (LEMOS, 2005). No presente estudo 50% das mulheres possuem esse perfil e dizem que a masturbação é uma prática masculina. Em depoimento uma jovem afirma: "A masturbação é uma questão de gosto, tem muitas mulheres que gostam, não sou contra nem a favor. entretanto as mulheres não precisam disso, já que tem companheiros" (A.C., 19 anos).

Pelo exposto, diversas questões ainda precisam ser esclarecidas para essas jovens. Elas ainda não ponderam que a masturbação também é uma maneira de autoconhecimento do seu corpo.

Analisando as opiniões referentes ao tamanho do pênis na relação sexual, observou-se que 42% das mulheres entrevistadas afirmam que o tamanho do pênis interfere no prazer, colocando que o prazer sexual corrobora com o tamanho do pênis. Além disso, 50% defendem que com o decorrer da idade a relação sexual vai perdendo a importância.

Virgindade

A virgindade era defendida como um dos maiores tesouros que a mulher poderia guardar (LEMOS, 2005).

Esse mito, para algumas mulheres, ou melhor, para um pequeno número de mulheres ainda é preconizado nos dias atuais. O estudo de textos agrupados para refletir o tema em discussão, revelou que a mulher contemporânea acredita que não é o rompimento do hímen que vai deter o respeito que essa mulher tem para consigo própria. Nos dados refletidos em análise verificou-se que as mulheres, apesar de estarem mais amadurecidas e preparadas para encarar o mundo, ainda não conseguem se colocar mais abertamente sobre esse assunto. Sempre fazem referências a outras pessoas não se incluindo, contudo, como parte integrante.

A virgindade hoje, nada mais é que um assunto quase superado. O discurso já não é mais tão significativo como era antes, porém os homens ainda querem mulheres virgens, submissas, e que se "guardem" para eles. Todavia, não se deve generalizar este entendimento, posto que tudo que se coloca sobre a sexualidade ainda é algo bastante discutido. De certo, se perpetuam esses valores a respeito da virgindade, mas para um número bem menor de jovens, sobretudo, aqueles que vivem em uma doutrina que considera que a virgindade deve ser mantida até o casamento (AZZI, 1993).

Verificando os dados coletados, percebe-se, ainda, que esse tabu se perpetua, uma vez que 25% ainda pensam que a virgindade é o maior tesouro, conseqüentemente isso será repassado para outras gerações. Percebe-se isso quando as entrevistadas assim se expressavam:

"Para muitas pessoas casar seus filhos virgens é um sonho, é honra e dignidade, mas para mim é o contrário, não só para mim, mas para outras pessoas que também acham. Hoje a juventude é muito avançada, todos os pais honram sua dignidade e de seus filhos, não é? Mas os jovens já pensam diferente, quando falam que é normal, é porque hoje não tem mais aquele preconceito exagerado. A partir do momento em que o jovem começa sua vida lá fora, ele muda totalmente, principalmente sua vida sexual" (F. P., 19 anos)".

Sexo anal e oral

Se para muitos a relação sexual vaginal é uma vergonha, é algo proibido, mais ainda, é o sexo oral, o que denota ser uma ação relacionada ao pudor e a pouca higiene. A estimulação dos órgãos sexuais pela boca é uma experiência que pode ser prazerosa para os homens e as mulheres. Muitas pessoas praticam, porém reduzido percentual assume fazê-lo (PASINI, 1996). Por ser uma prática que durante muito tempo era realizada, apenas, por prostitutas, a maioria não assume por medo de ser comparada a uma delas ou ser considerada a uma pessoa vulgar. Esse pudor está mais relacionado à mulher, uma vez que o homem demonstra estar mais

receptivo a admitir esta possibilidade, assumindo-a, e portanto, com frequência (CARIDADE, 1998; SILVA, 2001). A análise dos dados pesquisados revelou que 15% informaram que não praticavam "esse tipo de relação" ou não praticavam sexo oral e anal, entretanto, 8% informaram reconhecer que o sexo anal e oral deixaram de ser exercícios praticados, apenas, por prostitutas, muito embora a maioria alegasse não praticá-los.

O sexo anal, ainda é um tabu para muitas mulheres, pois é uma prática que foi associada aos homossexuais. Em conversas informais, as mulheres entrevistadas colocaram que o sexo anal causa dor e que não sentem prazer. É importante destacar, que o sexo anal e oral são atos sexuais bastante utilizados hoje em dia, muito embora sejam experiências consideradas de fácil transmissão de doenças sexualmente transmissíveis. O sexo anal oferece risco maior de se contrair ou se infectar por HIV/AIDS, já que o vírus pode penetrar diretamente na corrente sanguínea através da mucosa anal, dada à fragilidade da parede do ânus, podendo vir a se romper e causar o sangramento durante o ato sexual (NAVARRO, 1999; PAIVA, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi observado sobre a repressão e proibição sexual, percebe-se que muitos mitos e tabus estão camuflados e ou suprimidos da vida das jovens que constituíram a amostra estudada. Porém, ainda há muitos entraves na relação sexual decorrentes que são, dos hábitos e costumes antigos sob a influência de crenças, cultura e religião. Refletindo sobre os paradigmas sexuais que insere tantas mulheres jovens nesse contexto, certamente, os mitos e tabus continuarão acontecendo sendo repassados de pais para filhos até o completo esclarecimento, o que somente ocorrerá ao longo de muitos anos.

REFERÊNCIAS

1. AZZI, R. Família e sexualidade na igreja do Brasil (1930-1964). In: Marcílio M. L, (Org.) **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993.
2. CARIDADE, A. A Sexualidade e saúde emocional. **R. Bras. Sex. Hum.**, São Paulo, v.9, n. 2, p. 48-54, jul./dez. 1998.
3. COUTINHO, E. M. **Menstruação, a sangria inútil**: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos da mulher. São Paulo: Gente, 1996.
4. FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
5. JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. **Histologia Básica**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1985.
6. LEMOS, C. T. **Religião, Gênero e sexualidade**: o lugar da mulher na família camponesa. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.
7. NAVARRO, L. R. **Conversas na varanda**: um debate leve e provocante sobre a sexualidade brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

8. NOGUEIRA, M. **Prazer em suas mãos**. Disponível em: < [http://tvcanal7 .blogspot.com](http://tvcanal7.blogspot.com)>. Acesso em 05 de abr. 2011.
9. PAIVA, V. **Em tempos de AIDS**: viva a vida: sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológico aos portadores. São Paulo: Summus, 1992.
10. PASINI, W. **Intimidade**: muito além e do sexo. Tradução Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
11. REICH, W. **A Revolução Sexual**. São Paulo: Zahar, 1999.
12. SAMPAIO, H. A. C. Aspectos nutricionais relacionados ao ciclo menstrual. **R. Nutr.**, Campinas, v.15, n. 3, p. 309-317, set./dez. 2002.
13. SILVA, E. Sexo é coisa séria. **R. Mundo Jovem**. Porto alegre, v. 321, p. 12-13, out. 2001.